

## Guardar o futebol, um “eterno plantão”: entrevista com o bibliotecário Ademir Takara

Keep the Football, an “Eternal Duty”:  
Interview with Librarian Ademir Takara

**Gustavo Cerqueira Guimarães**

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo/Moçambique  
Leitor/Ministério das Relações Exteriores  
Doutor em Estudos Literários, UFMG  
gustavocguimaraes@hotmail.com

**RESUMO:** Entrevista com Ademir Takara, bibliotecário do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, área do Museu do Futebol dedicada à pesquisa e gestão de acervos, sediado em São Paulo, no Estádio do Pacaembu. Os principais temas abordados são: o interesse de Ademir, desde a infância, por livros de futebol; a sua formação profissional; o campo da edição de livros futebolísticos; e o seu dia a dia de trabalho no maior centro de pesquisa sobre o futebol brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol e memória; Livros de futebol; Futebol e edição; Museu do Futebol.

**ABSTRACT:** Interview with Ademir Takara, librarian of the Brazilian Football Reference Center, an area of the Museum of Football dedicated to research and management of collections, in São Paulo, at Pacaembu Stadium. The main topics covered are: Ademir's interest, since childhood, for football books; your vocational training; the field of publishing football books; and his daily work at the largest research center on Brazilian football.

**KEYWORDS:** Football and memory; Football books; Football and editing; Museu do Futebol.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,  
isto é, estar por ela ou ser por ela [...].

*Guardar*, Antonio Cicero.

Esta entrevista com Ademir Takara, bibliotecário do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), área do Museu do Futebol, em São Paulo, dedicada à pesquisa e à gestão de seus acervos, foi construída, ao longo do último ano e meio, através de uma série de correspondências eletrônicas. Dentre outros assuntos, Ademir arrisca palpites acerca do campo da edição de livros de futebol e seu público leitor; conta-nos que seu interesse por livros de futebol recai desde a infância; relembra a sua trajetória profissional até chegar ao CRFB e o desafio de organizar a biblioteca sobre o futebol brasileiro. No final das contas, temos uma bela entrevista, uma grande aula sobre livros de futebol, edição e memória, ou sobre como guardar o que a gente ama.

**Gustavo Cerqueira** – Ademir, desde 2013, eu venho acompanhando o seu excelente trabalho no Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB),<sup>1</sup> do Museu do Futebol de São Paulo, e gostaria de saber mais sobre suas pesquisas e como é o seu dia a dia nessa instituição... Quando você começou a se interessar por livros de futebol?

**Ademir Takara** – Sou formado em Biblioteconomia pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Meu trabalho de conclusão de curso foi *Produção bibliográfica sobre futebol no Brasil (1906-2006): análise bibliométrica* (2006). Em 2011, trabalhava na Biblioteca do CEU (Centro de Educação Unificado) Quinta do Sol, tinha acabado de passar pelo estágio probatório, quando recebi um e-mail contando que o Museu do Futebol tinha aberto uma vaga para bibliotecário, para fazer parte da equipe de bolsistas que trabalharia na implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro.

---

<sup>1</sup> Com mais de 15 mil títulos em seu acervo, é a primeira biblioteca e midiateca pública especializada em futebol no Brasil. Além de livros, disponibiliza periódicos, catálogos, teses, dissertações, artigos científicos, filmes e documentários em DVDs, incluindo as entrevistas de História Oral produzidas pelo CRFB. *Site*: <http://www.museudofutebol.org.br/>.

Eu tinha o sonho de montar uma biblioteca especializada em futebol. Sempre gostei demais de futebol. Desde os oito anos, eu nasci em 1977, gostava de guardar os cadernos de esportes dos jornais. Lia e relia matérias sobre meu time, o São Paulo, e sobre a Seleção Brasileira, sempre encontrava alguma história interessante. Meu sonho de consumo quando criança era a revista *Placar* e o jornal *A Gazeta Esportiva*.

Daí, para caçar livros de futebol foi um pulo. A primeira coisa que percebi foi como era difícil achar livros com aquele tema nas bibliotecas de bairro, a Lenyra Fraccaroli, na Vila Nova Manchester e a Paulo Setúbal, na Vila Formosa. Por isso comecei a registrar os títulos dos livros que ia achando, inclusive nas raras notas nos jornais divulgando lançamento de livros. Em 1996, fui fazer História na USP e “descobri” vários livros de futebol nas bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Logo em seguida, passei a frequentar também a biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE). Só para você ter uma ideia, ali “achei” o *História do futebol no Brasil: 1894-1950*, do Thomaz Mazzoni, e vivia pegando ele emprestado. Daí, eu comecei a copiá-lo a

mão por um bom tempo, até conseguir dinheiro para xerocá-lo. Depois, digitei tudo, imprimir e encadernei!

**Gustavo** – Muito singular o seu interesse por livros de futebol desde a infância. Você é um verdadeiro amanuense, daqueles que não se encontram mais, um copista, um colecionador de títulos futebolísticos... (risos).

**Ademir** – Isso! Aquela lista bibliográfica chegou a 1.586 títulos e serviu de base para o trabalho de conclusão de curso (TCC). Óbvio que, quando mandei meu currículo para o Museu do Futebol, eu destaquei o título do meu TCC. Na entrevista contei à Daniela Alfonsi<sup>2</sup> e ao Pedro Sant’Anna,<sup>3</sup> sobre meu sonho e acabei ficando com a vaga.

O período de estruturação do CRFB entre 2011 e 2013 foi bastante intenso. Enquanto os pesquisadores entrevistavam os atores e coadjuvantes no futebol de várzea, além de outros personagens como colecionadores, jornalistas, membros de

---

<sup>2</sup> Na época coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação (que mais tarde foi absorvido pelo CRFB) e atual Diretora de Conteúdo do Museu do Futebol.

<sup>3</sup> Na época assistente de documentação, foi coordenador do CRFB entre 2014-2016.

torcidas organizadas, memorialistas do futebol, entre outros, meu trabalho foi basicamente selecionar livros e DVDs para compor o acervo inicial do CRFB (embora tenha participado de algumas entrevistas, mas bem poucas e pontuais). Esse trabalho já tinha sido iniciado, tanto que além de um armário cheio de livros doados por editoras tinha uma base em Access com algumas centenas de registros.

**Gustavo** – Quais foram os critérios para a seleção dos livros?

**Ademir** – Num primeiro momento, a ideia era organizar uma biblioteca básica, ou seja, selecionar quais seriam os títulos mais relevantes já escritos sobre o futebol brasileiro. Mas isso logo foi deixado de lado, porque tinha muito material esgotado difícil de encontrar. Então optamos por algo mais prático: selecionar o que estava à disposição no mercado, produção mais recente publicada nos últimos cinco anos. Foram quase 1.000 títulos de livros e quase 100 DVDs comprados.

Paralelamente, entramos em contato com mestres e doutores que defenderam trabalhos tendo o futebol como tema para ter acesso a esse material. Aliás, desde o início, o CRFB incorpora

trabalhos acadêmicos, mas só no formato digital (pdf). Os primeiros contatos foram selecionados a partir do levantamento feito pelo Sergio Settani Giglio e Enrico Spaggiari,<sup>4</sup> ambos professores, pesquisadores e editores do principal portal acadêmico sobre futebol no Brasil, o *Ludopédio*.

**Gustavo** – E como vocês catalogaram os dados encontrados nesse levantamento?

**Ademir** – Primeiro, naquela base em Access, que posteriormente foi convertida em uma planilha Excel e compartilhada com a equipe do CRFB, que é utilizada até hoje como planilha intermediária, para colocar as informações básicas como título, autor, editora e dados de entrada como data, se o material foi doação ou compra, quem foi o doador, etc. Mas é no Banco de Dados do Museu do Futebol onde é feita a catalogação definitiva,<sup>5</sup> aí é uma atividade bem mais complexa, na qual não apenas inserimos as informações sobre o livro, tais como título, autor, editora, número de páginas, ISBN, sumário, resumo, etc. Mas buscamos pelas informações mais completas. Assim,

<sup>4</sup> Conf.: <http://bit.ly/2PeMnKk>.

<sup>5</sup> Conf.: [dados.museudofutebol.org.br](http://dados.museudofutebol.org.br).

sendo, não é apenas registrar o nome do autor. É escrever o nome completo, se tem apelido e um pequeno texto de apresentação, se a pessoa é colecionadora, jornalista, ex-jogador ou professor da UFMG, por exemplo. O mesmo acontece com as editoras, clubes retratados, e competições abordadas pelos livros. “Caçamos” todos os dados possíveis e procuramos escrever um histórico da instituição. Imagine ficar uma ou duas horas vasculhando a Internet e não encontrar nada sobre um clube que acabou há 40 ou 50 anos. Tudo sempre vai gerar um alto nível de pesquisa em busca das informações mais completas.

**Gustavo** – Além da catalogação, qual ou quais outras atividades você exerce na biblioteca do museu?

**Ademir** – Comparo o trabalho do bibliotecário com um “eterno plantão”. Por mais que tenhamos uma rotina, o normal mesmo são as solicitações de pesquisas ao estilo investigação, isto é, as pessoas raramente chegam até o bibliotecário com uma demanda clara, um problema estruturado. Desta maneira o bibliotecário precisa conversar com a pessoa, entender o

que ela realmente precisa. Não temos respostas para todas as perguntas, mas acredito que o objetivo de um bibliotecário é que o consulente, o pesquisador ou mero curioso, consiga sair da biblioteca com alguma informação a mais, por menor que seja, e que mesmo assim poderá fazer alguma diferença para que sua pesquisa consiga seguir adiante.

Há o atendimento de pesquisas internas e externas. As pesquisas internas são bem variadas, desde uma simples indicação bibliográfica para algum colega do Museu do Futebol, interessado apenas em uma leitura de lazer, até a pesquisa para exposições temporárias ou itinerantes. As externas são ainda mais diversificadas, começando por estudantes universitários que precisam de orientação bibliográfica, passando pela solicitação de pesquisas para produção de livros e filmes, até o ex-jogador que não se tornou um ídolo, e que por isso vibra ao encontrar seu nome no almanaque de um clube. Sem falar das pesquisas em coleções como as revistas *Placar*, *Revista do Esporte*, *Manchete Esportiva*, *El Gráfico* e o jornal *A Gazeta Esportiva*.

**Gustavo** – Para melhor ilustrar o seu dia a dia, poderia nos contar dois casos de atendimento ao público que te marcaram, há histórias que foram capazes de modificar sua rotina de trabalho ou que recorrentemente vem à sua memória por algum motivo? Depois, gostaria de voltar a explorar um pouco mais como você percebe, hoje, o campo da edição de livros sobre futebol no Brasil.

**Ademir** – As pessoas sempre acabam perguntando por essas histórias. Acho que no final sempre acabo contando os mesmos causos (risos). Tem uma historinha da época da Copa de 2014. Recebemos muitos turistas de todos os cantos do mundo. Um dia, entraram dois sujeitos, um brasileiro e outro japonês, muito brincalhões, fazendo várias piadas. O primeiro se apresentou como conselheiro do S. C. Corinthians Paulista e o outro comentarista esportivo de uma TV japonesa e ex-jogador de futebol. E tinha jogado no Timão. Muita gente iria achar que era mais uma piada ou uma mentira. Os corinthianos mais fanáticos poderiam apostar no Sérgio Echigo,

que ensinou o Rivellino aquele drible, o elástico,<sup>6</sup> nos tempos em que ambos jogaram no time de aspirantes no início da década de 1960.

Olho para a cara dele e pergunto: “Você é o Koichi?” Foi o único momento em que ele parou de sorrir. Ele ficou chocado (risos). “Como você sabe?”. Não respondi. Fui até a estante, peguei o *Almanaque do Timão*,<sup>7</sup> livro que tem as fichas de todos os jogos do Corinthians de 1910 a 2000. Abro bem na página com um pequeno texto sobre Koichi Hashimoto: “nascido em Tóquio em 13 de janeiro de 1969, esteve no Brasil em 1994 para estagiar no Parque São Jorge. Naquele mesmo ano, vestiu a camisa alvinegra duas vezes, durante uma excursão do Corinthians ao Japão”. Ele ficou em êxtase, fez questão de tirar fotos com o livro e da página onde estava o texto. Até pensei em tirar uma foto com ele, mas aí fiquei com vergonha, com um pouco de receio de que talvez não fosse um comportamento muito profissional. Com o passar do tempo me arrependi de não ter feito a foto, porque faz parte da história da

---

<sup>6</sup> Conf.: Rivellino e o drible elástico (vídeo): <http://bit.ly/2sVvEDe>.

<sup>7</sup> Conf.: <https://bit.ly/2MliJRW>.

biblioteca. E sempre acabo citando como um exemplo do papel do bibliotecário, para quem não existe uma pesquisa menor ou irrelevante, porque para o consulente pode ser uma informação muito importante. Atualmente, procuro tirar uma foto com pessoas como essa ou pego o contato, e-mail e telefone, por meio do preenchimento de uma ficha. Sempre recebemos escritores, ilustradores, parentes de antigos jogadores. Em outra oportunidade conheci aqui na biblioteca, a neta do Araken Patusca,<sup>8</sup> um dos craques do futebol dos anos 1920 e 1930, e único paulista presente na Copa de 1930.

Ah! Só para terminar, para aqueles que ficaram impressionados por eu me lembrar do Koichi, a verdade que no dia anterior eu tinha consultado o livro do Celso Unzelte, não me lembro por qual motivo, e acabei encontrando o nome do “meu conterrâneo”. Fiquei curioso e li o texto. No dia seguinte o nome ainda estava fresco na memória. Pessoalmente não acredito em coincidências (risos).

---

<sup>8</sup> Araken jogou no Santos, São Paulo, Flamengo, Palestra Itália e Clube Atlético Paulistano. Nasceu em Santos, em 1905, e faleceu em São Paulo, em 1990.

O segundo caso não é externo, mas acho que ajuda a entender um pouco como é a ausência de rotina. Em 2015, teve início a exposição itinerante “Museu do Futebol Na Área”,<sup>9</sup> em que algumas salas da exposição de longa duração foram adaptadas para serem montadas em algumas cidades do interior paulista. Entre as adaptações, sempre se coloca uma camisa representativa da história do futebol na determinada cidade. Em 2016, a exposição foi para Santos e recebi a incumbência de pesquisar a história da camisa do Santos. Até aí tudo bem, consultei o livro *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*.<sup>10</sup> No capítulo dedicado ao Santos, com prefácio de Pelé, no qual conta sobre sua preferência pela camisa listrada, a primeira que vestiu quando chegou à Vila Belmiro, em 1956. E também foi a última, usada na sua despedida do Santos, em 1974. Mais ainda, era a única peça que faltava na sua coleção pessoal. Daí, recebo uma demanda: caçar uma camisa listrada do Pelé. Como disse anteriormente, não acredito em coincidências...

---

<sup>9</sup> Conf.: <http://naarea.museudofutebol.org.br>.

<sup>10</sup> Conf.: <http://bit.ly/2NABtPx>.

Em 2014, uma colega aqui do Museu, a Juliana, estagiária palmeirense, me chama e diz que tem uma surpresa. Não costumo me surpreender facilmente, exceto quando levam para a biblioteca uma camisa usada por Pelé numa final de Campeonato Paulista, no Morumbi, contra o São Paulo. O avô dela tinha um armazém em São Bernardo do Campo, vizinho da Chácara Moran, que era a concentração do Santos naqueles tempos. O cozinheiro do clube era freguês, e um dia aparece no armazém falando que tinha um presente: entrega duas camisas 10 do time da Vila Belmiro. Uma branca, emprestada para um “amigo” que nunca mais foi visto. A outra, listrada, veio parar em minhas mãos [veja, ao lado, a fotografia].

Uma coisa que me deixou com a pulga atrás da orelha, foi a informação de que a camisa tinha sido usada numa final de Campeonato Paulista. No entanto, finais só começaram a partir da década de 1970. As únicas finais de paulista que sabia que Pelé havia disputado foram em 1959 e 1973, em ambas com camisas brancas. Como a família concordou em emprestar a camisa para a exposição em Santos, precisava ter certeza das informações.



Consultei o livro *O caminho da bola: história da FPF II volume 1953-1982*, e constam dois anos com finais envolvendo Santos e São Paulo: 1967 e 1969. Depois, consultei a coleção de *A Gazeta Esportiva* para ver as fotos. Em 1967, Santos e São Paulo terminaram o Paulistão empatados, por isso precisaram disputar um jogo extra. Pensei que deveria ser esse. Mas não era. O jogo foi no Pacaembu e o Santos jogou de branco. Peguei o jornal de 1969 com a certeza de que não mataria a charada, afinal de contas, não houve jogo desempate em 1969: certeza absoluta! Mas... houve um quadrangular final envolvendo os quatro grandes, Corinthians, Palmeiras, São



Paulo e Santos. E o último jogo foi exatamente um San-São no Morumbi. Detalhe: o Santos seria campeão se empatasse. O São Paulo precisava da vitória para ser o vencedor. Ou seja: era ao estilo de uma final. E, bingo! O Santos jogou de camisas listradas.

Duvidar da memória dos outros é fácil. Isso me acontece o tempo todo, com pessoas afirmando categoricamente fatos e acontecimentos que consigo desmentir com uma rápida pesquisa nos livros e revistas. Mas duvidar da própria memória é um desafio. Ninguém gosta de admitir que foi traído pela própria memória. Então sempre me lembro dessa história da camisa como exemplo de que devemos consultar as fontes sempre que possível, e sempre que possível confrontar as fontes com outras fontes. Como diz Nelson Rodrigues “Não há nada mais relapso do que a memória. Atrevo-me mesmo a dizer que a memória é uma vigarista, uma emérita falsificadora de fatos e de figuras”.

**Gustavo** – Muito interessante suas histórias de atendimento atreladas também à memória... Sua sensibilidade de perceber

isso tudo no dia a dia me estimula muito a pensar nos aspectos que giram em torno desses registros... Mas, voltando ao campo da edição de livros futebolísticos, como você percebe, hoje, esse campo no Brasil?

**Ademir** – Tenho alguns palpites. Até porque consigo descobrir muitos livros publicados, mas não tenho acesso aos números de venda ou mesmo aos números de impressão. Se o único autor brasileiro que consegue viver dos *royalties* de suas obras é o Paulo Coelho, não é no mundo da literatura de futebol que teremos números diferentes. O mercado é bem restrito. Tem muita gente pesquisando, escrevendo sobre futebol, mas publicar um livro é caro e vender é ainda mais difícil. Mesmo assim, acredito que todo esforço seja bem-vindo, desde que o autor entenda que ele está publicando seu livro essencialmente pela satisfação pessoal de compartilhar suas ideias com um mundo restrito, mas isso nunca resultará em reconhecimento ou glória, às vezes nem mesmo nos círculos íntimos do autor.

Por outro lado, o tema futebol é atraente, pelo menos para os autores. Penso isso baseado no número de títulos lançados, no século XXI, no qual o único ano em que não foi superada a marca dos 100 livros publicados foi exatamente no ano de 2001, no qual encontramos até o momento apenas 73 títulos. Em 2003 foram 107 livros e em 2007 foram 113. Por outro lado, em 2014, tivemos a “inacreditável” marca de 436 livros, em segundo lugar o ano de 2010 com 287. Claro que esses números estão sempre mudando, porque estamos sempre achando livros que não conhecemos na época do lançamento.

**Gustavo** – Esses dados são da catalogação do Museu ou da Biblioteca Nacional?

**Ademir** – Esses dados são de um levantamento que venho realizando junto com o bibliófilo Domingos D’Angelo,<sup>11</sup> um dos fundadores do Memofut – Grupo de Literatura e Memória do Futebol.<sup>12</sup> Eu o conheci quando comecei a trabalhar no Museu do Futebol. Ele tinha cedido uma lista com os livros de sua biblioteca futebolística, pois estávamos selecionando os

primeiros títulos para formar a biblioteca do museu. Como disse anteriormente, eu também tinha uma lista. As informações são encontradas majoritariamente na Internet, *sites* de livrarias, blogs diversos, redes sociais, etc. Assim, acabamos unindo forças para garimpar e ampliar a lista dos livros futebolísticos brasileiros. O resultado disso, foi a coorganização da obra *Bibliofut, a literatura do futebol brasileiro* (2019), com 4.570 títulos registrados, em 386 páginas.

**Gustavo** – Ao final, voltarei a essa publicação. Mas em relação à edição e circulação dos livros sobre futebol, você realmente acredita que há poucos leitores para eles? Por quê?

**Ademir** – Pegue o exemplo da revista *Placar*. Ela foi responsável direta pela formação de três gerações de leitores. Todo mundo se lembra dela, vira e mexe entram pessoas para “bar” na coleção da Biblioteca do CRFB, são inúmeros os jornalistas que se formaram com a *Placar* debaixo do braço. Mas ela está sempre em crise. Em 2015, a Editora Abril a vendeu para a revista *Caras*, que depois de dois anos a devolveu alegando baixo retorno financeiro. Em março de 2018, foi vendi-

<sup>11</sup> Sobre Domingos D’Angelo no *Ludopédio*: <http://bit.ly/2wpCV0W>.

<sup>12</sup> Conf.: <http://bit.ly/2ME0NI8>.

da de novo, desta vez para uma empresária do ramo de investimentos chamada Patrícia Tendrich Pires Coelho. Pouco tempo depois li que parte dos jornalistas contratados para cuidar da revista já foi demitida...<sup>13</sup>. A última informação que ouvi foi que a redação se limita a três abnegados jornalistas que se esforçam para manter a revista viva. A edição de novembro de 2019 (nº 1497), “Dossiê do futebol feminino” foi fantástica! Mas eu tive uma grande dificuldade em achar a revista nas bancas.

Basicamente, onde está o público leitor? Se houvesse tanta gente interessada em ler sobre futebol a *Placar* deveria ser um exemplo de sucesso. Aliás, teríamos pelo menos mais três ou quatro revistas concorrendo entre si. Mas nem jornal cobrindo futebol temos direito... Podemos lembrar quais revistas similares pelo mundo deixaram de circular como a *Don Balón*, na Espanha, e a *El Gráfico*, na Argentina, esta em janeiro de 2018. Mas, antes, vale a pena lembrar que a *El Gráfico* foi fundada em 1919, ou seja, levou 99 anos para deixar de circular.

Se para uma revista popular, ou ainda muito reconhecida, com uma logística privilegiada de distribuição, como o da Editora Abril, é um milagre *Placar* ainda chegar às bancas e aos leitores, o que posso pensar de livros de futebol que não tem esses dois fatores a favor?

Mas, isso tudo é apenas teoria. Qualquer pessoa que me perguntar se deve escrever um livro de futebol, com certeza responderei que deve. Mas sempre com a ressalva: “escreva por satisfação pessoal e pelo prazer de compartilhar suas ideias”. Agora posso falar isso com conhecimento de causa (risos).

**Gustavo** – Por outro lado, nos dias 09 e 10 de junho de 2018 o próprio Museu do Futebol promoveu a “1ª Feira de Livros de Futebol” e, logo em seguida, nos dias 21 e 22 de julho, a “Feira de Livros Infantojuvenil”. Como foi sua participação nesse evento e qual o balanço e perspectivas desse projeto?

**Ademir** – A ideia da “Feira de Livros” foi da Aira Bonfim, pesquisadora do CRFB. Inicialmente, para integrar a programação do III Simpósio Internacional de Estudos sobre Fute-

<sup>13</sup> Conf. notícia na *Folha de São Paulo*: <http://bit.ly/2MFiWVR>.

bol,<sup>14</sup> no final de setembro de 2018, no museu. Daí, a Daniela Alfonsi sugeriu a realização da feira antes da Copa do Mundo da Rússia. Minha participação foi simplesmente concluir que não haveria tempo para entrar em contato com as editoras e autores, muito menos com profissionais para supervisionarem a logística do evento. Resolvi consultar a Eva Pontes, da Livraria Pontes, que se encarregou de levar o seu estoque para o Museu do Futebol. Na verdade, o evento foi um teste para saber como fazer uma feira de livros. Não houve preocupação com seleção de títulos ou divulgação exhaustiva. E mesmo assim o retorno foi muito positivo, a ponto de fazerem a feira infantojuvenil uma semana depois do fim da Copa do Mundo.

Em 2019 surgiu a ideia de organizarmos a Festa Literária do Futebol, para comemorar os 11 anos do Museu do Futebol. Infelizmente não tivemos sorte e não foi possível sua realização. Quem sabe para 2020 a “numerologia” esteja a nosso favor.

---

<sup>14</sup> <https://www.simposiofutebol.museudofutebol.org.br>.

**Gustavo** – Saberá precisar se, de fato, os livros de memória dos clubes e biografias de jogadores e técnicos são os mais publicados e vendidos no Brasil? E, sem pensar muito, você poderia apontar pelos menos dez obras que se destacariam pela qualidade das edições e dos estudos apresentados?

**Ademir** – Com certeza livros de clubes e biografias são os assuntos mais populares. Os primeiros por que o clubismo faz parte do futebol, essa questão do associativismo, do pertencimento faz com que o torcedor busque o acesso a tudo que tenha o distintivo de seu time. Então, para o “leitorcedor” é uma obrigação ter um livro de cabeceira do seu clube. E as biografias sempre fizeram parte da preferência de leitura dos brasileiros. Inclusive leitores que não são torcedores conseguem curtir boas biografias de jogadores. Sem pensar muito poderia sugerir alguns livros muito bons. No campo das Biografias, destacam-se: *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), de Ruy Castro, *Diamante Negro: biografia de Leônidas da Silva* (2010), de André Ribeiro, e *Friedenreich: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol* (2012), de Luiz Carlos Duarte. Nas áreas de História e Ciências Sociais,

*Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938* (2000), de Leonardo Affonso Pereira, *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol: 1895-1916* (2015), de Wilson Gambeta, *Lógicas no futebol* (2002), de Luiz Henrique de Toledo, e *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (2002), de Gilberto Agostino. E, no campo da Linguagem – Literatura e Comunicação –, destacam-se *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues* (2004), de Fatima Martin Antunes, *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva brasileira* (2007), de André Ribeiro, e *A esfera como metáfora: representações do futebol no campo da literatura: leituras do tema no conto de ficção*, de Edônio Nascimento.

**Gustavo** – Em termos de preservação da memória futebolística por meio dos livros, como você percebe o incentivo e a participação dos clubes brasileiros?

**Ademir** – O cenário é o mesmo da preservação da memória dos clubes: depende muito da cabeça dos dirigentes que es-

tão no comando. Se são pessoas interessadas na história do time pode existir apoio, ou no mínimo, não atrapalham. Mas se não ligam, aí é uma dificuldade até mesmo para publicar o livro. Mas é melhor citar exemplos positivos. O Flu-Memória, que cuida da parte de história e memória do Fluminense, vem conseguindo lançar, desde 2011, um livro por ano. Isso é possível através da mobilização de seus torcedores com projetos de *crowdfunding*, isto é, as “vaquinhas” virtuais, como o bellissimo livro *Washington & Assis: recordar é viver*, Heitor D’Alincourt, Dhaniel Cohen e Carlos Santoro. Mais recentemente, a Biblioteca do CRFB vem recebendo os livros do Cruzeiro, através do Thiago Soraggi,<sup>15</sup> da Agência Número Um. O São Paulo optou pela produção de livros digitais gratuitos, o material é feito quase que exclusivamente com fotos e estatísticas, levantadas pelo historiador Michael Serra.<sup>16</sup> Pessoalmente, pensando como torcedor tricolor, gosto bastante. Mas sempre vai ter um leitor voraz cobrando texto, história, análise sociológica. Quem sabe esse seja o próximo desafio.

<sup>15</sup> <http://agencianumeroum.com.br>.

<sup>16</sup> <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/biblioteca>.

**Gustavo** – Em relação à ficção futebolística, os livros de temáticas infantojuvenis são de fato os mais publicados?

**Ademir** – Só para poder pensar em cima de algum dado concreto, de 2014 até novembro de 2019, encontramos referências sobre 1.227 títulos entre impressos e digitais. Desses, 63 classifiquei como ficção, sendo que a metade poderia ser considerada infantojuvenil. Mas não gosto muito de separá-los, prefiro considerar todos como ficção. Minha cisma com a classificação “literatura infantojuvenil” nasceu com o Julio Verne (risos), que criou a ficção científica, mas 100 anos depois suas obras viraram literatura infantojuvenil...

**Gustavo** – Muito bom (risos). Então, Ademir, gostaria muito de agradecer a atenção dispensada para esta entrevista, seu “eterno plantão” (risos), e dizer que sempre aprendo muito com você quando vou ao Museu do Futebol para falar sobre livros. Admiro muito o seu trabalho e seu interesse inesgotável de ajudar a guardar a memória do nosso futebol e, sobretudo, por compartilhá-la, pois como diz o trecho do poema “Guardar”, de Antonio Cicero, irmão da Marina:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda nada.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.  
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.  
Estar acordado por ela, estar por ela ou ser por ela.<sup>17</sup>

Nesse sentido, por fim, gostaria que você falasse um pouco sobre o seu recente livro *Bibliofut, a literatura do futebol brasileiro*, em parceria com o pesquisador Domingos D’Angelo, no qual vocês catalogam, num único livro, a biblioteca brasileira de futebol. De quem partiu a ideia da publicação, como vocês a viabilizaram e a quem ela se dirige?

**Ademir** – Gosto de pensar que a semente do livro foi lançada numa tarde chuvosa em fins de 2011, quando conheci o “Seu” Domingos e a sua biblioteca. Depois começamos a compartilhar planilhas de livros, sempre atualizando-as com lançamentos e descobertas “arqueobibliológicas”. Até que um dia “Seu” Domingos se propôs a escrever sobre o que na sua visão seria a biblioteca ideal do futebol, com os

---

<sup>17</sup> Poema “Guardar”, ligeiramente modificado, registrado por Marina na abertura da música “Deve ser assim”, dela em parceria com Alvin L., do álbum *Chamado* (1993).

títulos mais importantes e autores mais relevantes, comigo entrando com a lista mais completa já levantada. Destaco ainda a diagramação do Marcio Martelli, que preservou a ideia do “Seu” Domingos de manter as capas dos principais livros, dentro do texto e coloridas. E a própria capa do *Bibliofut*, que curiosamente, era uma arte que o designer do Museu do Futebol, o Hugo Takeyama, tinha feito para a primeira edição da Feira do Livro, mas que acabei sequestrando (risos).

Foi uma tiragem baixa, apenas 220 exemplares, mas o livro é destinado para todos os que gostam de futebol. Sem dúvida os literatos, os bibliófilos e os acadêmicos talvez tenham mais interesse. Mas gostaria de ouvir um dia, quem sabe, que um torcedor se interessou por literatura por causa do *Bibliofut*.

Foi um grande prazer ter feito o livro, tanto pela companhia do “Seu” Domingos, quanto pela possibilidade de compartilhar tantos dados e informações, que, aliás, continuamos reunindo.

Enfim, caro Gustavo, antes de terminar, quero agradecer pelo espaço e deixar aqui o convite para os leitores conhecerem o Museu do Futebol e o CRFB, seja presencialmente ou através de nossos *sites* e redes sociais. Muito obrigado.

\* \* \*

